

A prévia com gosto de prorrogação



Coisas da política

Ontem, positivamente, não foi um dia de sorte para o Governador Tancredo Neves. Mas também pode não ter sido para o próprio País, que deu passos bem mais largos na direção de um dos mais sérios impasses políticos de sua história. As oposições, por um universo bem elástico que comporta os partidos da área e importantes segmentos da sociedade, como a OAB e a ABI, parece que morderam a isca da prévia do PDS e começaram a inviabilizar, na prática, qualquer possibilidade de disputar com êxito, pela primeira vez, as eleições indiretas do Presidente da República.

O Tancredo que deixou, assim, mais uma reunião do Comitê Suprapartidário pelas Eleições Diretas, realizada na sede da OAB, no Rio, mostrando uma imagem quase próxima do desespero, pode ter pretendido mostrar, antes de mais nada, a sua preocupação histórica com os destinos das próprias oposições. No rastro da prévia que o PDS pretende promover junto às suas bases, para escolher o seu candidato à sucessão do Presidente João Figueiredo, partidos e entidades vincu-

lados ao movimento oposicionista pretendem responder com uma espécie de plebiscito oficioso para conhecer as tendências já conhecidas da população, fartamente demonstradas em recentes manifestações de rua.

Não se deve discutir, naturalmente, a importância da defesa das diretas já por todos quantos têm, neste momento, responsabilidades com as mudanças sociais, políticas e econômicas reclamadas pela nação. Mas se deve questionar — e isso parece que começará a ser feito pelos grupamentos mais realistas das oposições — se, em nome da manutenção de alguns falsos pruridos morais, vale a pena ao PMDB, sobretudo, que já sustentou, no curso do mais longo período de exceção política vivido pelo país, algumas ilustres anticandidaturas, atirar pela janela uma chance de concorrer com êxito às eleições indiretas de 15 de janeiro de 1985.

Ao se decidirem pelo plebiscito e ao adiarem, ao mesmo tempo, a possibilidade de lançar imediatamente um candidato único à Presidência da República, que faria uma ampla campanha pelas diretas já, mas sem perder de vista o Colégio Eleitoral, os partidos da Oposição não analisaram com serenidade os últimos acontecimentos políticos. Raciocinaram em torno de uma prévia prometida pelo PDS, que ainda não passou do terreno das fórmulas hipotéticas, e deixaram escapar uma ótima oportunidade, como condutores do Comitê

Suprapartidário pelas Eleições Diretas, de deixar o Rio ontem com um candidato nas ruas.

O grande erro das oposições foi, talvez, o de chorar nesta primeira hora de reação do PDS, o resgate, por um partido que parecia morto, da liderança incontestável do Vice-Presidente Aureliano Chaves. Por suas últimas posições, o Vice-Presidente vinha dando a impressão de que estava mais próximo das composições sucessórias que o PMDB começara a desenhar do que com o comprometimento do seu nome numa disputa de linhas não muito nítidas.

Sem Aureliano como virtual aliado, o Governador Tancredo Neves percebeu que não existem maiores chances de consolidação do seu nome como candidato único das oposições. Causa, talvez, do ar de preocupação com que deixou o prédio da OAB, depois dos intensos debates de que participou no plenário do Comitê Suprapartidário pelas Eleições Diretas. Acostumado a ler, sem grandes mistérios, o próprio futuro político, o Governador de Minas não deve ter encontrado maiores dificuldades para concluir que Aureliano sepultou, ao sonhar com sua vitória na prévia que o PDS deseja promover, os entendimentos que poderiam redundar num chamado **acordo mineiro**.

Saindo ou não a prévia do PDS — os **malufistas**

garantem que têm condições de impedir a sua homologação pelo Diretório Nacional do partido — não existem grandes dúvidas de que a posição mais simpática e coerente, no curso dos últimos acontecimentos, foi a do Ministro Mário Andreazza. Sabem os coordenadores da candidatura de Andreazza que, daqui para frente, a sorte de Aureliano fica ligada à do Ministro do Interior, havendo ou não a consulta partidária às bases pedesistas.

Fora do eixo da Oposição e ligado a Andreazza através do pacto anti-Maluf que seus próprios articuladores e os da candidatura Marco Maciel desenharam, Aureliano fica sem maiores condições para recuos estratégicos, se falharem os seus planos de sair consagrado como nome das preferências do PDS.

A prévia, em si, como estratégia, provoca até aqui alguns dividendos. Mas, como contraria os interesses dos aliados do Deputado Paulo Maluf e joga mais lenha, por isso mesmo, na grande fogueira onde arde o impasse, há muita gente, em Brasília, temerosa de que a consulta inesperada às bases do PDS seja um caminho a mais a apontar na direção da prorrogação do mandato do Presidente João Figueiredo.

ROGÉRIO COELHO NETO

Subeditor Político do JORNAL DO BRASIL